

HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL NO ROCK BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA PARA O ENSINO

CULTURAL HYBRIDIZATION IN BRAZILIAN ROCK: A HISTORICAL APPROACH
FOR TEACHING

HIBRIDACIÓN CULTURAL EN EL ROCK BRASILEÑO: UN ENFOQUE HISTÓRICO
PARA LA ENSEÑANZA

Fábio Francisco de Almeida Castilho ¹

DOI: 10.54899/dcs.v22i84.3694

Recibido: 31/10/2025 | Aceptado: 03/11/2025 | Publicación en línea: 24/11/2025.

RESUMO

Este projeto de pesquisa visa investigar a hibridização cultural no rock brasileiro dos anos 80, utilizando a teoria de Homi K. Bhabha como referencial teórico, com o objetivo de entender como as bandas de rock brasileiro da época criaram uma identidade musical única. A pesquisa se justifica pela importância de compreender a relação entre a música e a história do Brasil, bem como a forma como a música pode ser utilizada como recurso didático para o ensino de História. A metodologia consiste em uma análise qualitativa das letras e da música de bandas de rock brasileiro dos anos 80, com foco na aplicação de conceitos históricos e culturais. O resultado esperado é uma compreensão mais profunda da história do Brasil nos anos 80 e da importância da música como fonte de expressão cultural e política, além de contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras no ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História. Hibridização Cultural. Rock Brasileiro. Anos 1980.

ABSTRACT

This research project aims to investigate cultural hybridization in Brazilian rock music of the 1980s, using Homi K. Bhabha's theory as a theoretical framework, with the objective of understanding how Brazilian rock bands of that era created a unique musical identity. The research is justified by the importance of understanding the relationship between music and Brazilian history, as well as how music can be used as a didactic resource for teaching history. The methodology consists of a qualitative analysis of the lyrics and music of Brazilian rock bands from the 1980s, focusing on the application of historical and cultural concepts. The expected result is a deeper understanding of Brazilian history in the 1980s and the importance of music as a source of cultural and political expression, in addition to contributing to the development of innovative pedagogical practices in history teaching.

Keywords: History Teaching. Cultural Hybridization. Brazilian Rock. 1980s.

1 Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Estágio pós-doutoral na Universidade de São Paulo (USP), Instituto Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: fabio.castilho@ifal.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3281-612X>

RESUMEN

Este proyecto de investigación tiene como objetivo indagar la hibridación cultural en la música rock brasileña de la década de 1980, utilizando la teoría de Homi K. Bhabha como marco teórico, con el fin de comprender cómo las bandas de rock brasileñas de esa época crearon una identidad musical única. La investigación se justifica por la importancia de comprender la relación entre la música y la historia de Brasil, así como por el uso de la música como recurso didáctico para la enseñanza de la historia. La metodología consiste en un análisis cualitativo de las letras y la música de bandas de rock brasileñas de la década de 1980, centrándose en la aplicación de conceptos históricos y culturales. El resultado esperado es una comprensión más profunda de la historia de Brasil en la década de 1980 y la importancia de la música como fuente de expresión cultural y política, además de contribuir al desarrollo de prácticas pedagógicas innovadoras en la enseñanza de la historia.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia. Hibridación Cultural. Rock Brasileño. Década de 1980.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Os autores da Escola de Frankfurt, especialmente Theodor Adorno e Max Horkheimer, desenvolveram o conceito de "Indústria Cultural" para descrever a produção e disseminação de cultura em massa, visando lucro e controle social. Eles argumentam que a indústria cultural transforma a arte e a cultura em mercadorias, alienando os consumidores e promovendo a homogeneização da sociedade (Adorno, 1982).

Dessa forma, a massificação da arte e da cultura é um processo pelo qual a indústria cultural produz bens culturais padronizados para consumo em massa. Isso leva a uma redução da complexidade e da originalidade artística, pois os produtos culturais são projetados para agradar ao maior número de pessoas possível, em vez de refletir a diversidade e a riqueza da experiência humana. Como resultado, a arte e a cultura se tornam mercadorias que são produzidas e consumidas de acordo com as regras do mercado, em vez de serem expressões autênticas da criatividade e da imaginação humana.

Além disso, a indústria cultural também promove a manipulação e a alienação do consumidor. Através dos meios de comunicação, a indústria cultural influencia e controla os consumidores, promovendo a passividade e a conformidade. Os consumidores são levados a

acreditar que precisam de certos produtos culturais para se sentir realizados ou para pertencer a um determinado grupo social. Isso cria uma cultura de consumo em que as pessoas são mais propensas a seguir as tendências e os modismos do que a desenvolver suas próprias preferências e opiniões (Adorno & Horkheimer, 1985).

Outro aspecto importante da indústria cultural é seu vínculo ao sistema capitalista. A indústria cultural está intrinsecamente ligada ao sistema capitalista, priorizando o lucro sobre a qualidade artística ou o valor cultural. Isso significa que os produtos culturais são avaliados mais por sua capacidade de gerar lucro do que por sua contribuição para a sociedade ou para a cultura. Como resultado, a indústria cultural tende a produzir bens culturais que são mais rentáveis, em vez de bens culturais que sejam mais significativos ou importantes.

Por fim, a indústria cultural também contribui para a homogeneização da população. Ao produzir bens culturais padronizados e promover a conformidade, a indústria cultural suprime a diversidade e a individualidade. As pessoas são levadas a se conformar às normas e aos padrões culturais dominantes, em vez de expressar suas próprias identidades e perspectivas. Isso cria uma sociedade em que a diversidade e a criatividade são sufocadas, e em que as pessoas são mais propensas a se sentir como parte de uma massa amorfa do que como indivíduos únicos e autônomos.

Entretanto, é possível questionar se o rock brasileiro dos anos 80, produzido e consumido dentro da lógica da indústria cultural, pode ser considerado um exemplo genuíno de hibridismo cultural (Alexandre, 2017). Ou será que se trata apenas de uma manifestação cultural domesticada e adaptada às necessidades comerciais da indústria? Neste sentido, é necessário analisar criticamente o rock brasileiro dos anos 80, considerando tanto as influências culturais que o moldaram quanto as condições de produção e consumo que o tornaram possível. É através desta análise que podemos entender melhor como o rock brasileiro se relaciona com a indústria cultural e se pode ser considerado um exemplo de hibridismo cultural que resiste ou se submete às forças comerciais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os autores da Escola de Frankfurt mencionam que a produção da cultura de massa é uma espécie de mistura ou combinação de elementos diversos, mas de forma superficial e manipulada. Eles argumentam que a indústria cultural cria uma "cultura de massa" que é uma espécie de

"pastiche" ou "colagem" de elementos culturais, mas sem profundidade ou autenticidade.

Adorno (1982), em particular, fala sobre a "pseudoindividualização" da cultura de massa, onde os produtos culturais são projetados para parecerem personalizados e únicos, mas na verdade são apenas variações superficiais de temas e fórmulas pré-concebidas, sem uma coesão ou significado profundo.

Assim, a crítica da Escola de Frankfurt à indústria cultural destaca como essa produção de cultura de massa pode levar à homogeneização e à perda de autenticidade cultural.

Por outro lado, é possível reinterpretar a ideia da cultura de massa de forma mais positiva. Nesse sentido, acredita-se que a mistura de elementos culturais diversos pode ser vista como uma oportunidade para a criatividade e a inovação.

Com efeito, propõe-se a metáfora de uma “colcha de retalhos”, onde os elementos culturais diversos são conectados de forma criativa e ganham novos sentidos e significados. Nessa perspectiva, a colcha de retalhos representa a diversidade e a riqueza cultural de nossa época, onde diferentes tradições e estilos se encontram e se misturam. Cada pedaço de tecido da colcha pode ser visto como uma representação de uma cultura ou tradição específica, e a forma como esses pedaços são costurados juntos reflete a maneira como as diferentes culturas se influenciam e se misturam. É uma forma poderosa de descrever a complexidade e a riqueza da cultura contemporânea.

Essa mistura de elementos culturais pode ser vista como uma oportunidade para a criatividade e a inovação. Dessa forma, um artista sensível e criativo pode aproveitar essa diversidade cultural para criar algo novo e original, que reflita a complexidade e a diversidade da cultura contemporânea. A colcha de retalhos pode ser vista como um símbolo da capacidade humana de criar algo novo e único a partir de elementos diversos e aparentemente desconexos.

Além disso, a colcha de retalhos também pode ser vista como uma manifestação do hibridismo cultural. O hibridismo cultural é um conceito que descreve a forma como as diferentes culturas e tradições se encontram e se influenciam mutuamente, criando algo novo e único. A colcha de retalhos é um exemplo perfeito desse processo, pois cada pedaço de tecido é influenciado pelos outros, criando um todo que é mais do que a soma de suas partes.

Nesse sentido, a crítica da Escola de Frankfurt pode ser vista como uma chamada para os artistas e criadores para aproveitar essa diversidade e complexidade cultural de forma criativa e inovadora.

A Escola de Frankfurt é conhecida por sua crítica à indústria cultural, argumentando que

ela tende à homogeneização e manipulação do consumidor. No entanto, ao analisar a geração de rock brasileiro dos anos 1980, podemos ver que essa crítica não é absoluta. Essa geração de bandas e artistas pode ser vista como uma forma de resistência à homogeneização promovida pela indústria cultural. Através da música, eles expressaram suas opiniões políticas e sociais, criando uma forma de arte que era ao mesmo tempo autêntica e crítica.

A música foi um meio poderoso para esses artistas, permitindo-lhes questionar o status quo e inspirar mudanças. Bandas como Legião Urbana e RPM são exemplos de como a música pode ser usada como uma forma de resistência e crítica social. Eles não apenas refletiram a realidade da época, mas também a influenciaram, mostrando que a cultura pode ser uma força transformadora (Américo, 2012).

Além disso, a geração de rock brasileiro dos anos 1980 também ilustra a dialética entre cultura e indústria. Por um lado, a indústria cultural influencia a produção artística, determinando o que é comercializável e o que não é. Por outro lado, a cultura também pode influenciar e transformar a indústria, desafiando as normas e padrões estabelecidos. Nesse sentido, a geração de rock brasileiro dos anos 1980 pode ser vista como um exemplo de como a cultura pode se apropriar da indústria e transformá-la em algo novo e original.

Essa dialética entre cultura e indústria é complexa e multifacetada. A indústria cultural pode ser vista como uma força que busca padronizar e homogeneizar a produção artística, mas a cultura também pode ser vista como uma força que busca expressar a diversidade e a individualidade. A geração de rock brasileiro dos anos 1980 é um exemplo de como essas duas forças podem se encontrar e se transformar mutuamente, criando algo novo e original.

Nesse sentido, a geração de rock brasileiro dos anos 1980 pode ser vista como um exemplo de como a indústria cultural pode ser influenciada e transformada pela criatividade e inovação dos artistas e bandas, resultando em uma produção cultural que reflete os anseios e as preocupações da juventude da época.

Néstor García Canclini (2008), antropólogo e crítico cultural argentino, conhecido por suas obras sobre culturas híbridas e a relação entre cultura popular e cultura erudita, argumenta que a globalização e a modernidade têm levado a uma crescente hibridização das culturas, onde diferentes tradições e práticas culturais se encontram e se misturam.

Para Canclini, as culturas contemporâneas são caracterizadas por uma crescente hibridização, onde diferentes elementos culturais se misturam e se reconfiguram. Isso significa que as culturas não são mais vistas como entidades fixas e imutáveis, mas sim como processos

dinâmicos que se transformam constantemente.

Essa hibridização cultural leva a uma reconfiguração das identidades, onde as fronteiras entre diferentes culturas e tradições se tornam cada vez mais difusas. As pessoas não se identificam mais com uma única cultura ou tradição, mas sim com múltiplas influências e perspectivas. Isso cria uma complexidade e uma riqueza cultural que é característica da sociedade contemporânea.

Canclini também discute a relação entre cultura popular e cultura erudita, argumentando que a distinção entre essas duas categorias é cada vez mais difícil de manter em uma sociedade globalizada. A cultura popular e a cultura erudita não são mais vistas como entidades separadas, mas sim como partes de um continuum cultural. Isso significa que as formas de expressão cultural populares, como a música e o cinema, podem ser tão complexas e sofisticadas quanto as formas de expressão cultural eruditas, como a literatura e a arte.

Além disso, Canclini analisa o impacto da globalização na cultura, argumentando que a globalização leva a uma crescente homogeneização cultural. No entanto, ele também argumenta que a globalização cria oportunidades para a hibridização e a inovação cultural. A globalização permite que as culturas se encontrem e se misturem de maneiras novas e criativas, criando formas de expressão cultural que são únicas e originais.

Em resumo, a teoria de Canclini sobre as culturas contemporâneas destaca a importância da hibridização cultural, da reconfiguração das identidades e da relação entre cultura popular e cultura erudita. Ele argumenta que a globalização é um processo complexo que pode levar tanto à homogeneização cultural quanto à hibridização e à inovação cultural. Sua teoria é uma ferramenta útil para entender a complexidade e a riqueza da cultura contemporânea.

Homi K. Bhabha (1994) é um renomado teórico pós-colonial indiano que desenvolveu uma teoria inovadora sobre a cultura e a identidade. Em seu livro "O Local da Cultura", Bhabha argumenta que a cultura não é um conjunto estático de práticas e significados, mas sim um campo de negociação e contestação constante. Segundo ele, a cultura é um processo dinâmico que está sempre em mudança e evolução.

Uma das principais ideias de Bhabha é o conceito de "terceiro espaço", que se refere a um espaço de interação e hibridação onde as identidades culturais são constantemente negociadas e reconfiguradas. Esse terceiro espaço não é um lugar físico, mas sim um espaço simbólico onde as diferentes culturas e tradições se encontram e se misturam. É um espaço de criatividade e inovação, onde as identidades culturais são redefinidas e recriadas.

Bhabha também desenvolveu o conceito de "diferença híbrida", que se refere à forma como as diferentes culturas e tradições se encontram e se misturam, criando novas formas de identidade e expressão cultural. A diferença híbrida não é uma fusão de culturas, mas sim uma interação complexa entre elas, que resulta em algo novo e original.

Além disso, Bhabha defende que a identidade não é algo fixo e imutável, mas sim algo que está constantemente em processo de mudança e negociação. A identidade é um conceito fluido e dinâmico que se transforma ao longo do tempo e é influenciado por diferentes fatores culturais, sociais e políticos. Isso significa que as identidades culturais não são mais vistas como entidades fixas e imutáveis, mas sim como processos dinâmicos que estão sempre em mudança.

A teoria de Bhabha sobre a cultura e a identidade é uma ferramenta útil para entender a complexidade e a diversidade da sociedade contemporânea. Ela destaca a importância da hibridização cultural e da negociação de identidades, e mostra que a cultura é um processo dinâmico que está sempre em mudança e evolução. Além disso, a teoria de Bhabha também é uma crítica à ideia de que as culturas são entidades puras e autênticas, e argumenta que a cultura é sempre um processo de hibridização e negociação.

A ideia de "terceiro espaço" de Homi K. Bhabha pode ser aplicada ao caso do rock brasileiro dos anos 1980 de forma interessante. O "terceiro espaço" se refere a um espaço de interação e hibridação onde as identidades culturais são constantemente negociadas e reconfiguradas. No contexto do rock brasileiro, podemos ver como essa ideia se manifesta de várias maneiras.

Uma das principais características do rock brasileiro dos anos 1980 é a hibridização musical. As bandas da época misturavam elementos da música popular brasileira com influências do rock internacional, criando um som único e inovador (Grain, 2019). Isso é um exemplo claro de como o "terceiro espaço" pode ser aplicado ao rock brasileiro, onde diferentes estilos musicais se encontram e se misturam para criar algo novo.

Além disso, as bandas de rock brasileiro da época estavam negociando identidades culturais. Elas misturavam elementos da cultura brasileira com influências estrangeiras, criando uma identidade musical que era ao mesmo tempo nacional e global. Isso é um exemplo de como o "terceiro espaço" pode ser um espaço de negociação de identidades, onde as bandas e artistas estão constantemente redefinindo e reconfigurando suas identidades culturais.

O rock brasileiro dos anos 1980 também pode ser visto como um espaço de resistência à ditadura militar e à cultura dominante. As bandas e artistas da época usavam a música como forma

de expressão política e social, criticando a situação política e social do país (Schwarcz & Starling, 2015). Isso é um exemplo de como o "terceiro espaço" pode ser um espaço de resistência e contestação, onde as bandas e artistas podem expressar suas opiniões e críticas de forma criativa e inovadora.

Algumas bandas que ilustram essa ideia são a Legião Urbana e os Titãs. A Legião Urbana, com sua mistura de rock e elementos da música popular brasileira, é um exemplo de como o rock brasileiro pode ser visto como um "terceiro espaço" de hibridação cultural. Já os Titãs, com suas letras que abordam temas políticos e sociais, e sua música que mistura elementos do rock com influências da música popular brasileira, também ilustram essa ideia.

Em resumo, a ideia de "terceiro espaço" de Homi K. Bhabha pode ser aplicada ao caso do rock brasileiro dos anos 1980 de forma interessante, destacando a hibridização musical, a negociação de identidades e o espaço de resistência que as bandas e artistas da época criaram.

Nesse sentido, a ideia de "terceiro espaço" de Bhabha pode ser aplicada ao caso do rock brasileiro, destacando a hibridização cultural e a negociação de identidades que ocorreram nesse contexto.

METODOLOGIA

A utilização da música como recurso didático para o ensino de História pode ser uma estratégia eficaz para aumentar o engajamento e a relevância da disciplina para os alunos. Em nosso projeto utilizamos as letras de músicas para ilustrar conceitos históricos específicos e analisar como a música reflete ou influencia a percepção da história. Além disso, desenvolvemos atividades que integram a música e a história.

Ao analisar a música e a história, pretendemos explorar a relação entre as letras e a história, investigando como as bandas de rock brasileiro dos anos 80 refletiram a realidade política e social da época em suas músicas. Também analisamos a música em si, considerando como a melodia, o ritmo e a harmonia contribuem para a atmosfera e o significado das letras. Além disso, investigamos a interseção entre a música e a história do Brasil, examinando como a música pode ser utilizada como uma fonte histórica valiosa para entender a cultura e a sociedade brasileira da época.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A banda RPM é um exemplo de como o conceito de "terceiro espaço" de Homi K. Bhabha pode ser aplicado ao rock brasileiro. A banda combinava influências do rock britânico, new wave e música eletrônica, criando uma sonoridade característica que definia o som da banda. Canções como "Olhar 43" e "Rádio Pirata" mostram como a banda equilibrava o peso do rock com a melodia do pop, tornando-se um dos principais expoentes do rock nacional nos anos 80.

Além disso, a RPM refletia a identidade cultural brasileira em suas letras, abordando temas como política, amor e sociedade, o que ressoava profundamente com o público jovem da época. A banda também incorporava elementos da cultura brasileira em sua música, como a mistura de ritmos e instrumentos típicos do país. Isso é um exemplo de como a RPM estava negociando identidades culturais, misturando elementos da cultura brasileira com influências estrangeiras para criar uma identidade musical única.

A RPM também utilizava sua música como forma de expressão política e social, criticando a ditadura militar e abordando temas como liberdade e justiça social. Canções como "Revoluções por Minuto" e "Alvorada Voraz" são exemplos de como a banda usava sua música para questionar o status quo e inspirar mudanças. Isso é um exemplo de como o "terceiro espaço" pode ser um espaço de resistência e contestação, onde as bandas e artistas podem expressar suas opiniões e críticas de forma criativa e inovadora (Vasconcelos, 2018).

Em resumo, a RPM é um exemplo de como o "terceiro espaço" de Bhabha pode ser aplicado ao rock brasileiro, destacando a hibridização cultural e a negociação de identidades que ocorreram nesse contexto. A banda criou uma identidade musical única que refletia a cultura brasileira e ao mesmo tempo incorporava influências estrangeiras, e utilizou sua música como forma de expressão política e social, inspirando mudanças e questionando o status quo.

Outro exemplo é a banda Legião Urbana. Renato Russo, vocalista e líder da banda, deixou um legado musical profundo e influente no Brasil. Sua obra é marcada por letras reflexivas, poéticas e muitas vezes melancólicas que abordam temas como tempo, juventude, efemeridade da vida e espiritualidade. A obra de Renato Russo também é marcada pela intertextualidade, ou seja, a relação entre textos expressos por diferentes linguagens. Em suas músicas, como "Monte Castelo" e "Se Fiquei Esperando Meu Amor Passar", é possível notar a influência de textos religiosos e literários. Para Santos (2016), a religiosidade é um tema presente em muitas de suas composições, e sua estética criativa é influenciada por sua visão espiritual.

Por outro lado, a verve punk e temas políticos também influenciou a obra de Renato Russo e sua banda. A música "Mais do Mesmo" da Legião Urbana pode ser analisada sob várias perspectivas (Gaio, 2017). Lançada em 1988 no álbum "Que País É Este", a faixa reflete sobre a estagnação e a mesmice na vida e na sociedade. A letra fala sobre a rotina e a falta de perspectiva, com letras que criticam a monotonia do cotidiano. Renato Russo expressa sua visão sobre a sociedade brasileira da época, marcada por crises políticas e econômicas.

O contexto histórico em que a música foi lançada é importante para entender sua mensagem. "Mais do Mesmo" foi lançada em um período de grande turbulência política no Brasil, durante o governo de José Sarney. A música pode ser vista como uma crítica à falta de mudanças e à estagnação política e social. A faixa apresenta um som mais rock comparado a outras músicas da Legião Urbana, com uma batida forte e riffs de guitarra marcantes.

Já o álbum V da Legião Urbana, lançado em dezembro de 1991, reflete uma época marcada por crises econômicas e políticas no Brasil. Nessa época, o país enfrentava o governo de Fernando Collor de Mello, que havia confiscado a poupança da maioria dos brasileiros ao assumir o poder em 1990.

A crise econômica durante o governo Collor foi marcada por uma série de medidas drásticas, incluindo o confisco da poupança, congelamento de preços e redução das tarifas alfandegárias. De acordo com Rocha (2021), o Plano Collor, implementado em 1990, visava solucionar os problemas econômicos do Brasil, mas acabou fracassando e a inflação voltou a crescer.

A música "Metal Contra as Nuvens" da Legião Urbana reflete a frustração e decepção com o governo Collor e a crise econômica. A letra utiliza metáforas medievais para ilustrar as batalhas morais e políticas da época, com versos como "Quase acreditei na sua promessa / E o que vejo é fome e destruição". A música também expressa resistência e persistência diante das adversidades, com o refrão "Eu sou metal, raio, relâmpago e trovão / Eu sou metal, eu sou o ouro em seu brasão" simbolizando força e nobreza.

O governo Collor foi marcado por corrupção, instabilidade econômica e crise política. Denúncias de corrupção e favorecimentos ilícitos levaram ao impeachment de Collor em 1992. A inflação alcançou níveis altíssimos, e o confisco da poupança gerou pânico e filas nos bancos. A relação entre o presidente e o Congresso azedou, levando a uma oposição forte e ao eventual impeachment.

Em resumo, a obra de Renato Russo e da Legião Urbana reflete a turbulência política e

econômica do Brasil nos anos 80 e 90. Suas músicas são uma crítica à estagnação e à crise, e expressam resistência e persistência diante das adversidades. A Legião Urbana é um exemplo de como a música pode ser usada como forma de expressão política e social, inspirando mudanças e questionando o status quo. A análise dessas canções em sala de aula favorece o ensino de história, tornando as aulas mais interativas e intrigantes para os estudantes do ensino médio que não viveram esse momento histórico, mas reconhecem algumas canções e artistas abordados.

CONCLUSÃO

.Em conclusão, as discussões sobre o rock brasileiro dos anos 80 e a teoria cultural de Homi K. Bhabha nos permitiram explorar a complexidade e a riqueza da cultura brasileira. A hibridização cultural, a negociação de identidades e o espaço de resistência são conceitos que se aplicam perfeitamente ao contexto do rock brasileiro da época.

A Legião Urbana e a RPM são exemplos de bandas que criaram uma identidade musical única, misturando elementos da cultura brasileira com influências estrangeiras. Suas músicas refletem a turbulência política e econômica do Brasil nos anos 80 e 90, e expressam resistência e persistência diante das adversidades.

A teoria de Bhabha nos ajuda a entender como a cultura é um processo dinâmico e complexo, que envolve a negociação de identidades e a hibridização cultural. O "terceiro espaço" é um conceito que se aplica perfeitamente ao contexto do rock brasileiro, onde as bandas e artistas criaram uma identidade musical única que refletia a cultura brasileira e ao mesmo tempo incorporava influências estrangeiras.

Por fim, a discussão sobre o rock brasileiro dos anos 80 e a teoria cultural de Homi K. Bhabha nos permitiu explorar a complexidade e a riqueza da cultura brasileira, e entender como a música pode ser usada como forma de expressão política e social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) pela concessão da bolsa de estudos, por meio do Edital FAPEAL Nº 10/2024, Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior de Alagoas (PIBIC Júnior Alagoas), que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa e contribuiu significativamente para o meu crescimento acadêmico e profissional.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Teoria Estética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1982.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de luta*: o rock e o Brasil dos anos 80. Arquipelago Editorial Ltda, 2017.
- AMÉRICO, Elisama Bezerra. *BRock e democracia*: a produção do rock da banda Legião Urbana como forma de contestação no processo de transição política na década de 1980. 2012.
- BHABHA, H. K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1994.
- CAINELLI, Marlene; BARCA, Isabel. A aprendizagem da história a partir da construção de narrativas sobre o passado. *Educação e Pesquisa*, v. 44, p. e164920, 2018.
- CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lesnovski. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lúcia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano*: o tempo da Nova República. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2016.
- GAIO, Henrique Pinheiro Costa. Será que nada vai acontecer? Tempo e melancolia na poética da Legião Urbana. Anos 90: *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 24, n. 46, p. 45-70, 2017.
- GRAIN, Matheus Rocha. Gêneros musicais e indústria fonográfica na construção identitária da banda Titãs. *Revista Vórtex*, v. 7, n. 1, 2019.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão*. Tradução de Carlos Henrique Pimentel. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- NAPOLITANO, Marcos. *Seguindo a canção*: engajamento político e Indústria Cultural na MPB, 1959-1969. São Paulo: Annablume, 2001.
- ROCHA, Maria Aparecida. *Música como fonte de informação*: o período da pós ditadura na música da banda Legião Urbana. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2021.
- SANTOS, Maria Yonar Marinho dos. *Leituras sobre Amor e protesto nas letras de Renato Russo na Legião Urbana (1983-1997)*. 2016.
- SCHWARCZ, Lilian Moritz; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Cia das Letras. 2015.
- VASCONCELOS, Adenilson Moura. *REVOLUÇÕES POR MINUTO*: Retrato do Brasil nos

anos 1980 e as perspectivas de um novo milênio na canção alvorada voraz da Banda RPM.
Revista Diálogos, v. 6, n. 3, p. 86-96, 2018.